

Religião da Humanidade

O AMOR POR PRINCÍPIO, E A ORDEM POR BASE;
O PROGRESSO POR FIM

Viver para outrem.

Viver ás claras.



DISCURSO

pronunciado pelo tenente

Juvenal O. Miller

na solenidade com que um grupo de sympathicos ao Positivismo

comemorou o 78º anniversario da

Independencia do Brazil

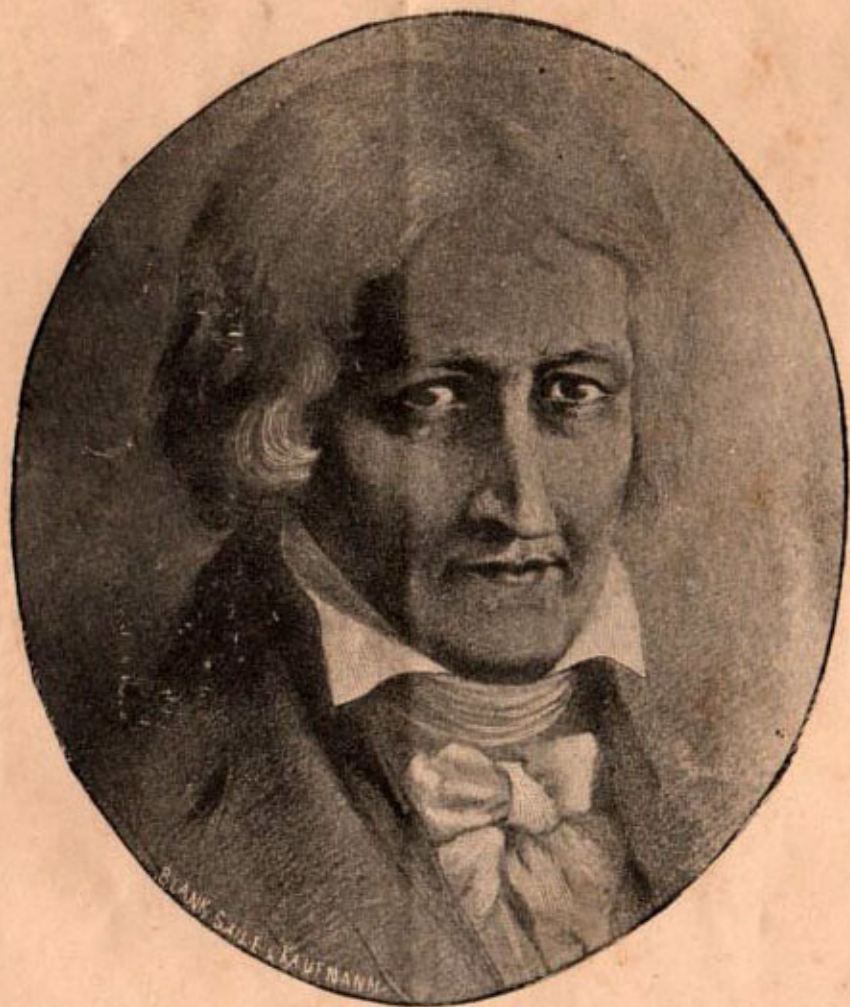


PORTO ALEGRE

26 de Outubro de 112 (7 de Setembro de 1900)

Ano OXXII da Revolução Francesa e XII da Republica Brasileira





José Bonifácio de Andrade e Silva

*A san politica é filha da
moral e da razão.*

José Bonifacio

Nota — Sobre a orthographia usada neste folheto veja-se o avulso: *Simplificações
Orthographicas*, do Sr. Miguel Lemos.



Sr. Presidente do Estado,

Minhas senhoras,

Meus senhores.

A nossa geração viu, nos ultimos tempos do imperio, a indiferença fria e cruel, gélida e esmagadora, com que era acolhida a data comemorativa da independencia patria.

As gerações aqui presentes assistirão ás funebres luminarias officaes, que exprimião nas bruxoelantes e amortecidas chamas a repulsa popular votada á radiante aurora nacional.

Porque este lamentavel menospreço pela faustoza data que lembra o termino da tutela estrangeira e o começo glorioso da marcha triunfante em busca das mais sagradas conquistas?

Porque esta condenação absoluta ao dia em que, na frase de Latino Coelho, a colonia lassa de sujeição e de ignominia ergueu-se, rugiu como o jaguar das suas florestas e espedaçou as reixas da estreita jaula, onde a tinha enclauzurado o cioso egoismo da metropole?

E' facil a explicação, quando com a luz da filozoffia pozitiva aprecia-se a evolução brasileira.

O nosso movimento intelectual, como todos sabeis, concentrou-se nas academias e irradiou-se desses focos, onde, não tanto pelas lições dos mestres, em geral meros gozadores de rendozas propinas, como pelo esforço proprio, pelo concurso e pelo estímulo entre estudantes, — a mocidade aspirou em largos haustos os novos ideais e os derramou profuzamente pelo vasto territorio da Patria.

Entre as academias, cumpre fazer justiça, si todas derão, com poucas ecceções, apenas profissionais que honrarão a nossa evolução mental pelo progresso atingido nos varios departamentos do saber humano, as de Direito forão por excellencia o cadinho onde se apurárao as idéias liberais porque delas sahiu a quazi totalidade dos agitadores que, com a eloquencia do verbo, transmitirão a todas as classes, de logarejo em logarejo, o espirito emancipador.

Si esses ingentes propagandistas merecem a nossa gratidão pelo esforço tenaz, trabalhando dia a dia — o verso rubro e altisonante, a proza vehemente e solapadora, as tribunicias orações flamejantes e comunicativas — também cumpre reconhecer que a eles devemos a ruptura completa da nossa continuidade historica.

Sim, combatendo o trono com as vistas acanhadas da escola democratica os portentozos demolidores, lançárao o anatema a 7-de setembro, porque com a independencia não veio a republica.

E o nosso povo, sem o saber, conquistado pela propaganda acostumou-se igualmente a olhar o grande dia da Patria como recordando apenas o « pacto vergonhoso de sua escravização a um rebento autoeratico da caza de Bragança.»

E, como consequencia, em vez de louvores a Jozé Bonifacio, o patriota que abandonára posição vantajosa na metropole para dedicar-se á libertação da terra que o vira nacer, cobrirão-no de baldões por ter instituido a monarchia em lugar de proclamar a republica.

E, ainda hoje, em um livro destinado á infancia se assevera que em 1822 a republica teria vindo, naturalmente, na consecução logica dos fatos.

Analisando, porém, os acontecimentos com o são criterio positivo — e esse trabalho é facilimo com os traços brilhantes da propaganda sociocratica que, nos ultimos anos, paralelamente á democracia victoriosa, surgiu, por um lado com Benjamin Constant, meramente intelectual e por outro, religiosa e predominante, com o acurado esforço dos apostolos positivistas — veremos que a monarchia constitucional era em 1822 a unica solução do problema rezolvido pelo braço forte que em Portugal aprendêra a brandir a espada e pela mente que nas sociedades mais cultas se avigorára no estudo da sciencia.

Argumenta-se com a ação do proto-martir Tiradentes, mas é preciso convir que em 1792 os conjurados mineiros tinham, no exterior, a instigar-lhes os sentimentos republicanos, a emancipação das colonias inglezas da America do Norte e a França, capitaneada por Paris, inaugurando a faze extrema da revolução moderna.

Em 1822, como diz Teixeira Mendes, bem outra era a situação:

« Todas as liberdades que as republicas conhecidas, com exceção unica da malograda republica franceza, havião atingido, podião ser garantidas com a monarchia constitucional. A escravidão se afigurára a Jozé Bonifacio incompativel com uma republica e ele sentia a impossibilidade da libertação immediata dos cativos. Quanto á libertação gradual e rapida, ele a concebia como realizavel sob a monarchia constitucional. Portanto todos os interesses liberais se lhe afiguravão plenamente garantidos com similhante forma de governo. E ao passo que isso se dava, a republica naquele momento apresentava perspectivas alarmantes para o seu patriotismo. Com efeito, serião inevitaveis para realisar a luta intestinas que quebrarião fatalmente a integridade politica da America Portuguesa, além dos sacrificios das vidas e dos capitais da nascente nacionalidade. Disto era exemplo a independencia das colonias hespanholas. »

E os sinistros rezultados das guerras o sabio patriota sentira bem de perto assistindo á grande crise franceza, enquanto percorria em romagem scientifica a Europa convulsinada, a Europa rasgando em ferozes ebulições sociaes a montanha formidavel que aninhara em seu seio colossal os grandes pensamentos comprimidos durante seculos pela civilização que ruia agora fragorosamente.

E as apavorantes senas desse flagelo medonho, tetrico e dezolador, o eminente patriarcha ainda viu, certamente mais horrorizado, quando os batalhões

napoleonicos nesses criminosos passeios atravez da Europa forão até Portugal, obrigando os intemeratos luzitanos a defender o solo sagrado com o heroísmo fortalecido nas vagas tormentozas dos desconhecidos oceanos.

E as cruciantes sensações produzidas pelo vandalismo guerreiro, bem fundamente sentiu o heróico tenente-coronel Jozé Bonifacio, comandante do batalhão academico que, nessa emergencia mostrou, segundo a propria fraze, que o estudo das letras não desponta as armas, nem embota um momento a valentia.

Mas é de prever que tendo assistido tão vivamente os tenebrosos dramas, tudo envidaria por evita-los o americano entusiasta, que descrevendo o torrão natal dizia aos academicos portuguezes: « E que paiz esse, senhores, para uma nova civilização e para um novo assento da sciencia ! »

Imaginal, agora, os combates tremendos que se travarião si o illustre chefe do partido nacional desse o grito libertador sem o assentimento da facção portugueza, que a ampara-la tinha ainda a maioria do exercito metropolitano.

Fazer naquella época a republica era acender a luta fraticida, operar o fracionamento completo do Brazil e finalmente livra-lo do jugo portuguez para entrega-lo inérme á voracidade das nações fortes, que improficuamente tanto batalharão por conquista-lo.

E foi esse triste dezenlace que o emerito patriota, que era tambem o laureado sientista, soube evitar, ganhando a justa qualificação de homem de Estado, porque na mais complicada de todas as artes supriu por um empirismo eminente a falta de uma doutrina verdadeiramente sientifica.

Poderemos acaso, fazer a mesma justiça aos seus comentadores ?

Certamente não, porque o fundador da nossa nacionalidade soube educar o espirito nas elaborações mentais da era em que viveu, e si não as poz em pratica foi pelas difficuldades do meio em que agiu.

Os democratas, numa faze em que as sciencias inferiores atingirão ao maximo desenvolvimento e as superiores estão plenamente esboçadas, ainda julgão os acontecimentos e os homens com o absolutismo retrogado das escolas que querem estudar o prezente, descortinar o futuro, condenando o passado por não haver satisfeito o tipo abstrato que idearão.

Porque Jozé Bonifacio não nos den a republica afastando males facois de conjecturar e o desmembramento patrio que hoje tanto os horroriza, maldizem a sua memoria como si não bastassem ao heroico e sabio organisador as deluzões provenientes, na sua propria manifestação, da ignorancia timida ou desdeixada, do obscurantismo de algumas toupeiras que temem ou não podem suportar a luz.

Mas a justiça, já se fez a

« Os manes que o Brazil quasi esquecia. »

O venerando patriota já foi julgado.

Resta ao historiador futuro inquerir aos democratas, si fizerão pela Familia, pela Patria e pela Humanidade, tudo quanto permitião as condições do espaço e do tempo em que surgirão.

Como tive ocazião de mencionar, paralelamente ao movimento demolidor, desde 1881 uma força social trabalha operozamente, incessantemente, sem treguas nem desfalecimentos.

Desde 1881 o Apostolado Positivista surge em todas as questões que se suscitão no Brazil apontando a solução dada pela Religião da Humanidade.

E os democratas que tão severamente julgáráo o Patriarcha da Independencia, emudecem ante os males que nos affligem como povo americano e que

nos dilacerão os corações como irmãos desses desesperados que na Europabus-
cção no punhal, no revolver e na dinamite, um dezabafo ás magoas que extravazão.

Vós, sim, sereis inexoravelmente julgados, porque tivestes a ventura de
encontrar o caminho desbravado e parastes em meio da romagem.

Em vez do estudo que vos faria dignos servidores da Humanidade, prefe-
ristes rir dos homens de sciencia entregues a praticas cultuaes; sabeí, porém,
que a fé que os anima jórra dessa mesma sciencia que, mal elaborada, só ser-
ve para secar as fontes afetivas.

Quereis ve-la demonstrada desde as mais simples leis mathematicas até
os mais complicados phenomenos morais, meditai os livros de Augusto Comte.

Ahi vereis como os sentimentos altruisticos, scientificamente desenvolvidos,
moralmente encaminhados para o destino sublime da fraternidade universal,
sistematisados numa crença comum, proporcionarão o que nos falta hoje —
a unidade religiosa.

Ahi aprenderéis que não será com a violencia dos exercitos nem com de-
cretos impostos pela força material que poderemos dominar a anarchia, deter
a avalanche indomavel que furiozamente bate ás portas dos diques opostos
pela tirania.

Compulsai o 4º tomo da Politica, esse levítico da nova religião, e apreciai
a marcha da tranzição organica, faze por faze coordenando os elementos
sociaes, encaminhando a humanidade para o desfecho tão sonhado de uma
republica universal, assentando as bases definitivas na industria como regimen,
na sciencia como dogma e na realidade idealizada como culto.

E, meus illustres concidadãos que formais o pujante partido republicano
rio-grandense, mesmo sem estudo podereis aquilatar do alto valor da doutrina
regeneradora pela soma de liberdade, de ordem e de progresso que fruis com a
construção politica operada pelo vosso chefe eminente, que vem desde a mais
promissôra juventude robustecendo o masculino talento e a formozo coração
nas egregias lições do Mestre Incomparavel.

Sim, olhai para Julio de Castilhos. Ele, como quem vos dirige a palavra,
ainda não é pozitivistá; dizei-me, porem, si um só dos politicos brasileiros
jamais apresentou uma conduta domestica ou cívica comparavel á desse cida-
dão que, si não bastassem os serviços que todos admiramos, edificou ao Bra-
zil inteiro, ha bem poucos dias, com essa carta memoravel, lição severa áque-
les que, para armarem á popularidade não trepidão tudo sacrificar — até mes-
mo as opiniões.

E vós, operarios da minha terra, que não tendes o agulhão da fome, mas
sentis que não só de pão alimenta-se os homens; e vós proletarios pacíficos
que esperais justamente a vossa incorporação social: vinde ouvir os ensina-
mentos do emerito regenerador.

Augusto Comte não vos podia esquecer, porque desde a mais tenra infancia
ouviu as justas queixas do 4º estado; elle não vos podia olvidar porque vós
representais a solidariedade argamassada na desgraça, cimentada no infortunio.

As vossas aspirações que ele qualificou de ultimo estado verdadeiramente
honroso e perigoso do conjunto dos instintos revolucionarios são plenamente
satisfeitas, não pelos processos anarchicos do socialismo, mas pela organi-
zação de uma sociedade tão perfeita quanto pode comportar a imperfeição
humana.

Esta organização vou traça-la em linhas gerais.

O vosso problema, que é o magno problema social, tem sido abordado por
duas escolas: o socialismo e a economia politica.

A solução utópica do socialismo consiste na comunidade de bens, por meio de administradores destacados da massa geral pelos processos eleitorais.

O erro desta escola reside em reconhecer a efficacia dos metodos politicos com esquecimento completo da influencia moral.

O socialismo não é, pois, uma solução da grave questão e sim um energico enunciado das aspirações proletarias.

A economia politica reconhecendo que os phenomenos industriais estão submetidos a leis naturaes, quer que se os abandone á sua marcha inevitavel.

Os economistas, portanto, desconhecendo completamente a gravidade do problema não encontram outro encaminhamento ás misérias sociais que o de-santado *laissez-faire, laissez-passer*.

Augusto Comte, fazendo justiça ás nobres aspirações proletarias e concordando com os economistas na subordinação da industria ás leis naturais, patenteia, por sua terceira lei de filozofia primeira, que a modificabilidade crece com a complicação dos phenomenos, e em lugar de deixa-los entregues á sua fatalidade devemos encaminha-los com a potencia grandiloqua dos nossos melhores esforços.

Para isso, comprehendendo que a riqueza é social na sua origem e deve ter um destino social, divide a industria em duas grandes classes — patrões e trabalhadores.

Os directores da industria exercerão o mando, porque não ha sociedade sem governo, e os proletarios lhes prestarão os seus serviços recebendo um salario gratuitamente cedido para o desempenho completo dos deveres que são a fonte da felicidade na terra.

Dir-me-eis, certamente: — isto é o que temos.

Não, os ricos de hoje usufruem os vossos serviços dando em troca a miséria e o desprezo; na industria futura o patricio será o vosso mais dedicado amigo.

Hoje, os ricos com os capitais subdivididos como se achão precizão juros enormes para uma pequena soma lhes proporcionar caprichos de nababos; na sociedade normal os patricios serão em pequeno numero e depositarios das grandes fortunas sociais.

Agora, vós, que só vedes com os olhos da actualidade tereis a opor que quanto mais ricos e poderosos tanto mais aparelhados estarão os empregados para vos oprimirem.

Sabei, porem, que para conte-los haverá um sacerdocio, respeitavel e respeitado, amparando-se na providencia feminina e na massa geral, tendo para garantir a sua autoridade espiritual a fé que unirá a todos os homens.

E será, fical certos, a força invencivel da moral humana que banirá da terra esses combates tremendos que dão, hoje, aos feericos salões dos potentados o aspeto funebre de ante-camaras da morte e aos miseraveis acampamentos dos fracos a apparencia de jaulas onde hienas esfaimadas contém custozamente as iras raivozas de longos seculos de opressões e de dores.

E vós, minhas gentis patricias, que a este mesmo teatro concorrestes, ha dias, trazendo lagrimas que traduzião as vossas maguas pela morte do chefe da nação amiga que destaco para nosas colonias o braço forte que arrotéa as terras virgens; e vós — mãis, espozas e filhas — que vedes a procela aproximar-se temerosamente, que esperais, vós que na fragilidade fazeis repouzar a força herculea capaz de transformar o mundo?

Duvidaes de vosso poder?

Quereis conhece-lo, quando amparado pela religião?

A Humanidade, em seu evoluir, tendo transposto com a civilização romana as fronteiras do militarismo conquistador, chegou com o feudalismo ao período militar da defeza.

Num e noutro a guerra, isto é, a fêra humana devorando raivoza, como a creação dantesca, a sua propria carne.

Por toda a parte os gemidos lancinantes, as dôres agudas, os gritos da infancia, as lagrimas dos entes fracos, as imprecações dos velhos, perdendo-se ante a vozeria dos combatentes, o sinistro sibilar das catapultas, o brandir mortifero dos ferros, as ondas de sangue, as nuvens de fumo, as labaredas consumidoras dos tetos das cabanas e o tenebrozo ruir dos muros encastelados.

Sabeis quem abrandou os horrores dessas senas ?

O vosso sexo, protegido pelo catolicismo.

Em meio das brutalidades da civilização militar vimos, sob o influxo feminino, formar-se essa legião que foi a guarda de honra do feudalismo e que se chamou a cavalaria.

Que era um cavalleiro ?

Era esse mesmo portador da guerra, então uma necessidade social, tendo, porem, a suavizar sua passagem através do mundo nobres predicaados — a cortezia, a lealdade, o horror á mentira e, acima de tudo, o mais suave culto por sua Dama, sintetizada na Virgem Santissima.

Mas a mulher, nesses dias portentozos não vinha ao encontro do homem inebriando-o somente com o perfume balsamico desprendido das negras tranças; não trazia somente o olhar aveludado que derrama ondas de luz; não tinha somente a fraqueza que impõe ao sexo forte o despertar dos nobres sentimentos chamando-o a ampara-la.

Não, a mulher nessa fase unia aos encantos naturais a conformidade nas crencas — a harmonia religioza.

E, então, amar era para o homem ao mesmo tempo pensar e agir, pensar na Dama de seus sonhos, agir na defeza da fé que a todos enlaçava.

Acaso quererá ente tão poderoso, que assim transformou o cavaleiro medioeval, negar, na actualidade, o seu esforço em prol da regeneração futura ?

Certamente não.

Falta apenas quem o esclareça porque o elemento feminino tendo com o catolicismo conquistado a sua emancipação ficou, entretanto, pelo estreito dogma dessa mesma religião considerada como um ser inferior.

E' esse grande erro do catolicismo que a religião definitiva vem emendar, mostrando, pelo lado intelectual — convir que a mulher de tudo tenha luzes; pelo aspeto moral — que não seja somente igual ao homem e sim superior, mantendo, porém, a sua posição no lar, sem jámais entregar-se aos misteres que a degradarião, nivelando-a ao homem.

E' a missão augusta de anjo tutelar que o pozitivismo assinala á mulher dando como trono o foco domestico.

E' nos salões, nunca nas praças publicas, que ella exercerá a sua poderosa influencia.

E' ao lado dos pais, dos espozos e dos filhos que o elemento fragil secundará o sacerdocio no exercicio de sua função espirital.

Será sob o influxo potente desta nossa verdadeira providencia moral que veremos terminadas essas lutas perigozissimas entre o capital e o numero, entre os ricos e os pobres.

E a vós, senhoras, está rezervada a missão grandioza de dar solução ao mais complicado problema que tem agitado o planeta humano.

Não vos condoeis, mãis, vendo lá muito ao longe essas creancinhas sem lar, sem pão, morrendo ao frio, morrendo á mingua, enquanto os vossos filhos nadam na abundancia, sempre com o riso a dezagrochar nas rozeas faces?

Não vos compadeceis, espozas, avistando além mar esses homens atirados como brutas fêras, indo nas atrocidades commettidas pelos fortes buscar o genio maldito que mata Humberto, o espozo e o pae, pensando assim, pelo terror, conquistar o que até hoje se lhes negou quando implorado pelos meios brandos?

Não vos comoveis, filhas, que vêdes os vossos progenitores gastar em mil futilidades o capital social de que são méros depositarios, enquanto os pais das infortunadas proletarias só lhes podem dar o olhar do desespero?

Ah! bem sei quanto este espectáculo vos contrista, e si preciso fôra arrancariéis as rendas, as sedas, e as joias, para transforma-las em caridozas dadivas.

Que importava, porém, esse momento de piedade?

Amanhan tudo voltaria ao antigo estado.

A solução da crise social não está no sacrificio desses adornos que, com a educação actual, tanto vos enlevão, não: precisais, sim, é erguer tambem as vossas vozes pelo bem geral, pela felicidade comum.

A temeroza revolução que chegou ao estado agudissimo, quasi insuperavel, não se rezolverá com os vossos obulos transformados em créches, em orfanatos, e sim dando aos homens as vossas inestimaveis qualidades de coração, proporcionando aos entes que vos são caros comizeração pelas desgraças do proximo. Sabeis como?

Imital essas castelans da idade media: sêde religiosas, sinceramente crentes e não frequentadoras das igrejas por méro diletantismo, sem importar com o dogma, sem praticar o regimen.

Si os vossos entes queridos ainda julgão poder salvar o mundo acreditando nesse Deus que faz num regimen industrial o universo inteiro nadar em um oceano de sangue e de misérias, sêde catolicas, com abundancia d'alma, com o fervor preciso para que os vossos afetos, pensamentos e atos produzão, si possivel fôr, a ventura na terra.

Si os donos de vossos corações são livres pensadores, abraçai a nossa fé que será amanhan a de todos.

E no dia em que ao espectáculo contristador das nações fracas levadas ao desespero e das fortes constituídas em sindicatos que empregão os meios mais degradantes para alcançarem os fins mais imoraes succeder-se o sereno desdobramento da vida verdadeiramente industrial: nesse dia tambem o estadista que hoje contemplamos agradecidos, avultará grandiozamente porque Jozé Bonifacio será, então, para as populações occidentaes o inolvidavel fundador da nacionalidade que, reagindo até mesmo sobre Paris, primeiro desvendou ao mundo convulsionado a sublimidade da religião que se resume no lema: « O Amor por principio, e a Ordem por baze; o Progresso por fim. »



Todas as publicações do Apostolado Positivista do Brasil são encontradas em casa do engenheiro **Petizardo Junior**, à rua Rinchuelo n. 244, n'esta capital. O mesmo cidadão encarega-se de receber e transmitir ao seu destino quaisquer auxílios para o

SUBSIDIO POZITIVISTA